

Explicações na sombra e crise na formação

Shadow education and education crisis

Suzete Grandi¹

Resumo

A metáfora “educação na sombra” vem sendo utilizada na área da educação para denunciar a existência de um sistema educacional que existe na sombra do sistema formal de ensino. O mercado das explicações tem crescido nos últimos anos: é um fenômeno que aparece em quase todo o mundo e que tende a se expandir. Além de denunciar possíveis deficiências no papel da escola e a crescente lógica mercadológica presente no processo de formação, a emergência do sistema educativo na sombra também revela a desvalorização que a noção de formação adquiriu nos últimos anos. É possível, então, relacionar o atual esvaziamento no modo de compreender a formação no ensino superior com esse mercado sombrio de explicações? O presente artigo tem por objetivo tematizar possíveis convergências entre o mercado das explicações e o empobrecimento no modelo atual de formação no ensino superior, fortemente baseado em habilidades e competências. Trata-se de um estudo bibliográfico que discute sobre o mercado das explicações, articulando a esse tema reflexões sobre a noção de formação. Para discutir esse conceito, o termo *Bildung* é revisitado.

Palavras-chave: Competências. Educação na sombra. Formação no ensino superior. Habilidades.

Abstract

*The metaphor “education in the shade” has been used in education to denounce the existence of an educational system that exists in the shadow of the formal education system. The market for explanations has grown in recent years, a phenomenon that appears in most of the world and that tends to expand. In addition to reporting possible deficiencies in the role of schools and the increasing marketing logic present in the training process, the emergence of the education system in the shade also reveals the devaluation that the notion of training acquired in recent years. You can then relate the current drain in order to understand the formation in higher education with this dismal market explanations? This article aims to thematize possible convergences between the market and the impoverishment of the explanations in the current model of training in higher education, strongly based on skills and competencies. This is a bibliographic study, which discusses the market for explanations, linking to this subject reflections on the notion of training. To discuss this concept, the term *Bildung* is revisited.*

Keywords: Skills. Education in the shade. Training in higher education. Capacity.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Av. Ipiranga, 6681, Partenon, 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: <suzigrandi@gmail.com>.

Introdução

O termo “educação na sombra” é utilizado por Bray (2009, p.4) para denunciar a existência de um sistema educacional que existe na sombra do sistema formal. Costa *et al.* (2009, p.36) consideram esse sistema como “uma atividade na sombra” por oferecer disciplinas acadêmicas fora do horário da escola convencional. Esse fenômeno é considerado um “sistema” pelo fato de ter se tornado cada vez mais estruturado na área educacional, além de ser uma atividade com características comerciais marcantes. O setor das aulas particulares exemplifica esse argumento, pois, antigamente, operava de modo informal, tornando-se, com o passar do tempo, cada vez mais evidente, organizado e frequentado.

As “explicações” são as ações que caracterizam e compõem esse sistema na sombra. No Brasil, são denominadas de “aulas particulares” ou de “reforço”; em inglês são chamadas de “*private tutoring*” e em castelhano “*clases particulares*”.

Esse sistema de ensino na sombra só encontra condição de possibilidade diante da existência do sistema formal. Conforme este se modifica, o da sombra também o acompanha. Essa relação colabora para que, na maioria dos países, as atenções fiquem voltadas, quase que exclusivamente, para o sistema formal de ensino, em detrimento do informal.

Esse sistema educativo, que ocorre na sombra do sistema formal, tem crescido consideravelmente nos últimos anos, adquirindo dimensões internacionais. Sua expansão e consolidação estão relacionadas principalmente à crise da escola pública, que, associada à lógica dos rankings na área educacional e à desvalorização financeira dos professores, alimenta a procura pelo apoio extraescolar. Nesse contexto, empresas são criadas, implementadas e estruturadas, podendo ser de pequeno ou de grande porte, locais ou multinacionais. Um exemplo é o *Kumon*, que teve sua origem no Japão, em 1954, e hoje opera em 45 países, chegando a atender 4 milhões de estudantes.

O modelo neoliberal também colaborou para o crescimento do mercado das explicações. Diante

da abertura do mundo para o mercado e da necessidade em expandi-lo, a sociedade necessitou especializar sua mão de obra nas mais diversas áreas, como forma de conquistar e garantir um emprego. Nesse processo, a educação também passou a ser vista como uma estratégia mercadológica, e, ao conhecimento, igualmente se atribuiu um valor de mercado. A falta de emprego passou a se relacionar, então, com a baixa qualificação profissional, o que colaborou para que a função das instituições educacionais passasse a ser a de preparar os estudantes para lidar com necessidades da economia. O conhecimento passa a ser, então, um artefato econômico.

Nesse cenário, a prática das explicações são impulsionadas por um clima competitivo, por uma forte crença no valor da educação para o progresso econômico e social e pela necessidade de os professores do sistema formal ganharem mais dinheiro. Essas práticas, geralmente, se dão em disciplinas em que a oferta é influenciada pela procura, ou seja, as disciplinas mais procuradas são aquelas que são testadas nos sistemas de avaliação/exame. Nesse sentido, possuem como objetivo fazer o reforço dos assuntos já tratados em sala de aula, além de enriquecer conteúdos.

O crescente mercado das explicações

No Brasil, a crise da escola pública, fruto de condicionantes econômicos, sociais e político-ideológicos, comprovada pelos altos índices de abandono e de insucesso acadêmico, tanto no ensino básico como no fundamental, também estimula o crescimento do mercado das explicações.

Tal crise na escola convencional também influencia e reforça a procura pelos apoios extraescolares como fator de compensação. A prática das explicações geralmente acontece na casa do explicando ou do explicador e pode ser individual ou em pequenos grupos.

No Egito, por exemplo, o exame preparatório nacional, obrigatório para todos os alunos no final do ensino primário, determina quais destes serão remetidos para as “escolas vocacionais de baixo

estatuto”, e quais irão para as “escolas secundárias gerais”, a partir das quais uma colocação na universidade pública é quase garantida (Bray, 2009, p.17). Esse modelo de acesso ao ensino superior colabora para que, no Egito, a busca pelas explicações seja grande, de forma a garantir o acesso às “escolas secundárias” e, posteriormente, à universidade pública.

Fenômeno semelhante ocorre no Brasil, onde o cursinho pré-vestibular é um exemplo do mercado das explicações que, devido à grande procura, constituiu-se num sistema de educação “mais forte e mais importante” que o próprio sistema formal de ensino (Costa *et al.*, 2009, p.43). Esses cursinhos se tornaram quase que uma obrigatoriedade para o estudante que deseja obter uma vaga na universidade.

Um estudo realizado em Chipre, em 2003, com 1 120 alunos universitários, mostrou que 86,4% destes frequentaram explicações durante o ensino secundário (Bray, 2009). Já na Grécia, os dados de um estudo realizado em 2000, com 3 441 estudantes universitários de 8 universidades, concluiu que mais de 80,0% dos estudantes tinham frequentado sessões de explicações (Bray, 2009). Tal cenário possibilita refletir, de modo geral, sobre a qualidade e a eficiência dos ensinamentos básico e fundamental, bem como sobre suas repercussões no ensino superior, visto que o fenômeno das explicações, que emerge da sombra, predomina sobretudo no ciclo de estudos pré-universitários.

As preocupações com a qualidade e com a eficiência acima mencionada também encontra visibilidade no pensamento de Bray (2009), que elucida que a maior parte dos professores exerce as explicações como uma forma de ganhar um rendimento extra. Tal atividade é desenvolvida tanto para alunos que já são seus no sistema formal, quanto para alunos que não possuem essa vinculação. De acordo com esse cenário, essa modalidade de trabalho influencia as atitudes desses professores para com a escola formal, além de representar um risco no desempenho intraescolar de seus alunos, pois as diferenças de saberes entre os que frequentam e os que não frequentam as explicações podem estar ampliadas.

Embora a prática da “educação na sombra” seja frequente em muitos países, em alguns ela não é uma atividade tão comum. Na Austrália, França e Singapura, por exemplo, os professores estão proibidos de dar explicações aos alunos pelas quais são responsáveis no sistema formal.

O modelo contemporâneo de organização familiar também confere visibilidade à expansão do mercado das explicações. Nesse sentido, essa modalidade educativa se apresenta como um espaço para a realização dos trabalhos/temas/deveres de casa. Isso mostra, mais uma vez, a dimensão de complementariedade que existe entre o sistema informal e o sistema regular de ensino, além de ocultar a falta de tempo dos pais em auxiliar os filhos nas tarefas de casa. Nesse sentido, as “explicações” também servem de apoio à família, associando-se a serviços de ocupação dos tempos livres das crianças e dos adolescentes (Costa *et al.*, 2009). Ao mesmo tempo, as explicações podem permitir um ensino individualizado, o que contrasta com o ensino massificado oferecido pelos sistemas educativos modernos.

Considerando o exposto, o mercado das explicações é um espaço propício para atender a várias solicitações, dentre as quais se destaca o fato de os alunos precisarem passar nos exames externos, com classificações as mais elevadas possíveis, o que colabora para que as instituições sejam projetadas a bons níveis no *ranking*. Serve, também, de suporte para as famílias cujos pais não têm tempo livre para dedicar aos seus filhos, dentre outras demandas.

Esse mercado abrange, então, dimensões políticas, organizacionais, econômicas e financeiras, tanto nas perspectivas da oferta quanto da procura. Em relação à oferta, serve como suplemento remuneratório para professores, como oportunidade de emprego para aspirantes a profissionais do ensino ou como oportunidade para novos empreendimentos, como oferta empresarial. A procura é caracterizada pelo grande número de alunos que buscam “socorro” nesses serviços privados, e pode se iniciar ainda no ensino primário, se estender ao secundário, prolongando-se até o superior (Costa *et al.*, 2009).

Bray (2009) também destaca aspectos positivos desse sistema, relacionados, de modo geral, à melhora da aprendizagem dos alunos, bem como da competitividade no mercado educacional. Todavia, o aumento das desigualdades sociais entre os alunos e as grandes lacunas de aprendizagem entre aqueles que recebem e os que não recebem tutoria não podem deixar de ser considerados. Para esse autor, é importante que se faça um confronto entre os sistemas formal e informal de ensino para que se descubram pontos positivos e negativos de ambos. Ele aponta ainda que o sistema de educação que se desenvolve na sombra precisa receber mais atenção por parte de planejadores e formuladores de políticas educacionais, pois ele tem grandes implicações sociais e econômicas.

Por meio da investigação do mercado das explicações, abrem-se possibilidades que permitem refletir acerca do trabalho dos professores, do funcionamento das escolas, bem como do processo de formação dos alunos implicados nesse cenário. Além de denunciar as possíveis deficiências no papel da escola e a crescente lógica mercadológica presente na área da educação, a emergência do sistema educativo na sombra também revela a desvalorização que a noção de formação adquiriu nos últimos anos.

A formação na contemporaneidade e a aquisição de habilidades e competências

Para refletir acerca da formação, é necessário revisitar o termo *Bildung*, traduzido do alemão como formação, e, mesmo sendo considerado historicamente um conceito vago, controverso, que apresenta variações, significa um refinamento do intelecto, da sensibilidade e do julgamento (Reichenbach, 2003).

Hermann (2010b, p.3) explicita que “o conceito de educação/formação está enraizado na tradição ocidental, que, descoberta pelos gregos, é chamada de *paideia*. Com o neo-humanismo e o romantismo, surge um retorno ao ideal da *paideia*, que, na língua alemã, é conhecido com o nome de *Bildung*, que nós traduzimos por formação”.

Os ideais de unidade e totalidade conferidos às ações formativas da *Bildung* durante os séculos XVIII e XIX passaram a ser questionados e criticados na modernidade tardia, quando novos horizontes valorativos despontaram no cenário social. Tais horizontes se reconfiguram em torno de uma sociedade plural, em que a multiplicidade de experiências é característica fundamental. Nesse momento, a *Bildung* perde seu valor normativo e esvazia-se de seu significado, tornando-se disponível para diferentes usos. Um desses usos está vinculado aos processos de transformação da sociedade (a globalização) e às consequentes exigências do mercado, “quando *Bildung* se torna um termo-chave para significar aprendizagem de competências e de habilidades, o que certamente despotencializa seu papel crítico” (Hermann 2010a, p.113). Nesse sentido, na contemporaneidade, o significado da *Bildung* (formação) é interpretado e utilizado de modo equivocado, o que reduz sua aplicação ao mero desenvolvimento e aquisição de habilidades e competências.

Reichenbach (2003) mostra que o termo em questão é complexo, vulnerável e ambíguo, mas que mesmo assim nunca foi abandonado do discurso educacional e filosófico. Assim como Hermann (2010a, 2010b), Reichenbach partilha da ideia de que a *Bildung* só é possível na condição de pluralismo e enquanto expressar condição de liberdade.

Lyotard (2011), em seus estudos, afirma que o princípio pedagógico da “formação” está em desuso. De fato, essa noção já não é mais empregada com tanta frequência. Constata-se, igualmente, a tendência de considerar essa noção superada e ultrapassada pelas condições objetivas da pós-modernidade, quando o mais importante, neste momento, é a sociedade e a economia do conhecimento. A preocupação, nesse sentido, é atender às necessidades da sociedade e não os interesses morais do indivíduo.

Lyotard (2011, p.16) diz textualmente que “o antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indispensável à formação (*Bildung*) do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso”. O argumento desse autor encontra

fundamento nas transformações que as novas condições tecnológicas acarretam nas relações entre informação e saber.

Todavia, a afirmação de Lyotard, a partir da qual se diz que a aquisição do saber é indispensável à formação, pode ser questionada. Ele liga arbitrariamente a aquisição e a transmissão do saber com a formação. Na realidade, não é apenas o ato de adquirir ou de transmitir conhecimentos que forma o espírito e a pessoa. Assim como Reichenbach (2003) e Hermann (2010b) propõem, o conceito de formação é mais complexo e implica elementos biológicos, psicológicos e culturais, que vão além do simples ensinamento de conteúdos orientados para o desenvolvimento de habilidades e competências.

Lyotard (2011) afirma ainda que a aquisição do saber passa a ser considerada uma mercadoria, um negócio entre fornecedores e usuários. Quando o conhecimento se torna sinônimo ou instrumento de poder, força de produção ou quando é produzido para ser vendido, para ser consumido, quando deixa de ser para si mesmo seu próprio fim, a ideia de formação desaparece.

Entretanto, essa afirmação de Lyotard sobre o conhecimento visto como fim em si mesmo deve ser questionada, pois não existe necessariamente conflito entre o valor de uso do conhecimento e o valor em si mesmo do conhecimento. O conhecimento tem valor pedagógico quando posto a serviço do ser humano. A ideia de mercantilização do conhecimento não combina com a ideia de que o conhecimento não possua uma dimensão ética, portanto, formadora. A formação ética do estudante passa necessariamente pelo desenvolvimento de práticas, de estágios, de aplicações que o ponham em contato com os problemas da corrupção, da destruição do meio ambiente, enfim, com a questão da qualidade de vida atual e futura.

Compreender a educação/formação como um processo que vai além de ensinar e aprender conteúdos exige, por sua vez, uma nova maneira de trabalhar com os saberes, com o ensino e a aprendizagem. O papel da escola e das universidades e a natureza e as funções das disciplinas, dos programas

de aprendizagem e dos projetos de pesquisa necessariamente precisam ser revistos. Nesse contexto rico de variáveis e de exigências, o conceito de formação precisa ser redefinido e redimensionado tendo em vista novos objetivos e finalidades.

Assim, a formação ou os processos educativos precisam orientar a aprendizagem dos estudantes visando ao desenvolvimento de habilidades e competências não apenas profissionais, mas também pessoais; não apenas imediatas, mas também ao longo de suas vidas. Deverá orientar a formação para o desenvolvimento de condições que permitam o exercício de determinadas profissões, mas que, ao mesmo tempo, esteja aberta para a possibilidade de se exercerem outras ocupações. Deverá orientar a formação para o desenvolvimento de processos de socialização de cidadãos críticos e eticamente responsáveis.

Considerações Finais

Considerando que o conceito de formação sofreu diferentes interpretações no decorrer do tempo, assumindo um significado que o aproxima da necessidade de desenvolver e adquirir habilidades e competências para o desempenho de determinadas atividades profissionais, volta-se para a crise da escola e para a emergência do mercado das explicações como acontecimentos que se entrelaçam e que se reforçam.

Conforme já explicitado, a prática das explicações é um fenômeno que ocorre na sombra do ensino formal e muito frequentemente na fase pré-universitária, cujo enfoque é o ensino de disciplinas específicas que visam fundamentalmente aprovações em exames. Tais práticas acabam por reforçar o esvaziamento da atual forma de compreender o processo de formação dos alunos, que se destina especificamente para os *deficits* que os acadêmicos apresentam em disciplinas específicas. Dito de outro modo, as explicações reforçam conteúdos tendo em vista apenas as aprovações em exames.

As explicações, nesse sentido, buscam preencher lacunas provocadas pelas falhas no ensino formal

visando a atender às necessidades de mercado. Nesse cenário, a ideia de formação por habilidades e competências, em que a racionalidade técnica possui primazia, ganha força e significado.

Diante do exposto, acredita-se que o crescente mercado das explicações, constituído como um mercado sofisticado e que apresenta serviços altamente especializados, influenciado pela crise da escola formal, pelo modelo de mercado neoliberal e pela pouca valorização dos professores, colabore para que a dimensão ética da formação fique ainda mais longe de ser contemplada pela educação.

Referências

Bray, M. *Confronting the shadow education system: What government policies for what private tutoring?* Paris: Unesco, 2009.

Costa, J.A.; Neto-Mendes, A.; Ventura, A. *XPLICA: investigação sobre o mercado das explicações*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.

Hermann, N.M.A. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Unijuí, 2010a.

Hermann, N.M.A. Formação e experiência. In: Trevisan, A.L. et al. (Org.). *Diferença, cultura e educação*. Porto Alegre: Sulina, 2010b.

Liotard, J.-F. *A condição pós-moderna*. 13.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

Reichenbach, R. *Beyond sovereignty: The twofold subversion of bildug. Educational Philosophy and Theory*, v.35, n.2, 201-209, 2003.

Recebido em 11/11/2014, reapresentado em 9/2/2015 e aprovado em 9/3/2015.